

**FACULDADES INTEGRADAS  
“ANTÔNIO EUFRÁSIO DE TOLEDO”**

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E ADMINISTRATIVAS  
DE PRESIDENTE PRUDENTE

**A ARTE DE GERIR DO PROFISSIONAL CONTÁBIL,  
CAPITANEADA PELO CONHECIMENTO E PELA  
COMPETITIVIDADE: O ENFOQUE DO GECON**

Denise Costa Peres de Oliveira  
Paula Cristina Teixeira Pereira  
Thaís Helen Rocha Souza

Presidente Prudente/SP

2004

**FACULDADES INTEGRADAS  
“ANTÔNIO EUFRÁSIO DE TOLEDO”**

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E ADMINISTRATIVAS  
DE PRESIDENTE PRUDENTE

**A ARTE DE GERIR DO PROFISSIONAL CONTÁBIL,  
CAPITANEADA PELO CONHECIMENTO E PELA  
COMPETITIVIDADE: O ENFOQUE DO GECON**

Denise Costa Peres de Oliveira  
Paula Cristina Teixeira Pereira  
Thaís Helen Rocha Souza

Monografia apresentada como requisito parcial de  
Conclusão de Curso para obtenção do Grau de  
Bacharel em Ciências Contábeis, sob orientação da  
Prof<sup>a</sup>. Maria Cecília Palácio Soares.

Presidente Prudente/SP

2004

**A ARTE DE GERIR DO PROFISSIONAL CONTÁBIL,  
CAPITANEADA PELO CONHECIMENTO E PELA  
COMPETITIVIDADE: O ENFOQUE DO GECON**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como  
requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel  
em Ciências Contábeis.

Prof<sup>a</sup>. Maria Cecília Palácio Soares

Prof<sup>a</sup>. Aparecida Célia Milan

Rossiney Geraldo

Presidente Prudente, 29 de novembro de 2004.

Saber avaliar o impacto econômico das próprias decisões é um atributo de grande valia para o profissional contábil.

Juracy Vieira de Carvalho

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a Deus por nos dar a vida, a oportunidade de estarmos aqui e por colocar na hora em que precisávamos as pessoas certas em nossos caminhos.

A nossos pais, irmãos, namorados, maridos e filhos, pessoas as quais souberam nos apoiar nos momentos em que pensávamos em fraquejar e compreenderam, por muitas vezes, nossas ausências.

A Professora Maria Cecília, grande em sabedoria, que nos concedeu a honra de guiar-nos neste trabalho e o fez da vontade, uma realidade.

A Instituição Antônio Eufrásio de Toledo, por possuir um excelente nível de docentes que nos transmitiram um pouco dos grandiosos conhecimentos que possuem, em especial aos professores, José Carlos Cavalcante, Edson Roberto Milani, Aparecida Célia Milan, Everson José Juarez e Sérgio Itio Turuta.

A Alessandra e a Jane, funcionárias da biblioteca desta instituição, que com muita dedicação nos auxiliaram.

A todos que direta ou indiretamente cooperaram para que fosse possível a conclusão deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho estuda o conhecimento como fator preponderante na atuação profissional do contador, descrevendo a importância do capital intelectual na constituição patrimonial e, conseqüentemente, seu impacto no processo da competitividade empresarial.

Foi dado um destaque à questão da história da contabilidade e sua relação com a história da humanidade, pois a relação estudada é que o homem é um ser no mundo dotado de necessidades e, para atingi-las modifica culturas e a contabilidade acompanha todas as alterações e adapta-se a elas.

O profissional contábil foi inserido neste contexto e precisa acompanhar as mudanças, este trabalho analisa o profissional como um *accountability* – um ser dotado de poder e que tem responsabilidade de devolver informações eficazes.

Para provar as novas exigências do mercado empresarial, sobre o profissional contábil, o trabalho evidencia um novo sistema de gerir, através do conhecimento interdisciplinar que exige deste profissional um novo perfil: o GECON.

Assim, o estudo proposto incorpora o profissional dotado de conhecimento ao GECON, que foca os modelos de gestão, informação, decisão e mensuração da empresa, proporcionando as informações necessárias aos gestores e conseqüentemente o resultado econômico almejado pela empresa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conhecimento; Capital Intelectual; Mudança Cultural; Responsabilidade; *Accountability*; GECON.

## **ABSTRACT**

This paper studies the knowledge as a predominant factor in the accountant professional's acting, describing the importance of the intellectual capital in the equity constitution and, its impact in the process of business competitively.

It had been given a great importance to the matter of the accountancy's history and its connection with the humanity's history, because the studied relation is that the man is a being endowed with needs and, to achieve them he modifies culture and the accountancy follows all the alterations and adapt to them.

The accountant was inserted in this context and needs to follow the changes; this paper analyzes the professional as an accountably - a being endowed with power and responsibility of giving back efficient information.

To prove the new demand of the business market, about the accountant, the paper shows a new method to manage, through the varied knowledge that requires of this professional a new profile: the GECON.

Thus, the study incorporates the professional endowed with GECON's knowledge, that focus the kinds of management, information, decision and mensuration of the company, providing the necessary information to the managers and consequently to the economic income wanted by the company.

**KEY WORDS:** Knowledge; Intellectual Capital; Cultural Change; Responsibility; Accountably; GECON.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 O CONHECIMENTO COMO PROCESSO PARA AVALIAÇÃO DO ATIVO INTANGÍVEL: CAPITAL INTELECTUAL.....</b>	<b>10</b>
1.1 Fundamentação teórica básica sobre conhecimento.....	10
1.2 A evolução do conhecimento.....	10
1.3 O capital intelectual à base de uma nova sociedade.....	13
<b>2 ANÁLISE HISTÓRICA DA CONTABILIDADE.....</b>	<b>15</b>
2.1 A história da contabilidade.....	15
<b>3 ACCONTABILY: DELEGAÇÃO DE PODER E RESPONSABILIDADE DO PROFISSIONAL CONTÁBIL NA COMPETITIVIDADE DAS EMPRESAS.....</b>	<b>19</b>
3.1 A competitividade através do conhecimento.....	19
3.2 O conceito de Accountability.....	20
<b>4 GECON: INSTRUMENTO CONTÁBIL DE COMPETITIVIDADE EMPRESARIAL.....</b>	<b>23</b>
4.1 A estruturação do GECON.....	24
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

A Contabilidade existe desde o homem primitivo, quando este se preocupava em quantificar e qualificar seus bens, época em que as marcações eram feitas em pedras, com simbologias da época. A Contabilidade desenvolveu-se e com ela o profissional que a executa, sendo necessário hoje, não apenas o fazer lançamentos, mas a busca incessante de ferramentas para as tomadas de decisões. Surge o profissional *accountability*, dotado de uma característica imprescindível, o *feed back*, a resposta à atividade que lhe foi dada.

O profissional contábil possui responsabilidades geradas pelo poder que lhe é delegado, através de tomadas de decisões eficazes. Uma tomada de decisão eficaz necessita que o profissional esteja munido do conhecimento que irá gerar competitividade empresarial. No entanto, a visão moderna de gestão necessita de novas informações, por vezes, mais eficientes que as atuais, e estas não podem ser obtidas pela contabilidade ortodoxa, sendo levada à busca de novos instrumentos de medida.

Neste trabalho foi discutida uma ferramenta que se diferencia da contabilidade ortodoxa, por ser um método que reúne aspectos multidisciplinares da Administração, Economia e da Contabilidade, denominado GECON (Gestão Econômica), desenvolvido pelo Professor Doutor Armando Catelli da Universidade de São Paulo.

Este estudo teve como principal propósito analisar as modificações ocorridas no ambiente externo, seus reflexos internamente na estrutura empresarial e a inserção do profissional contábil nesse ambiente. Dentro deste contexto, constatou-se um problema merecedor de consideração: as novas exigências de mercado passaram a exigir do profissional contábil novas posturas frente ao conhecimento e ao processo cognitivo de buscar essa aprendizagem, como resposta às suas habilidades.

Este trabalho foi desenvolvido em quatro capítulos:

O primeiro capítulo faz uma abordagem sobre o significado do conhecimento e sua evolução junto ao homem. Realizou-se uma conexão com o desenvolvimento das empresas, a sociedade e o homem como profissional na questão do conhecimento na ótica do capital intelectual.

No segundo capítulo, foi realizada uma análise da história da contabilidade, com a finalidade de comparar e evidenciar que a história da contabilidade está inserida na história da humanidade, vista que o homem evolui na busca de satisfazer suas necessidades.

O terceiro capítulo aborda a evolução do profissional contábil através da necessidade empresarial da competitividade obtida pelo conhecimento e pela responsabilidade que lhe é delegada.

No quarto capítulo é tratada uma nova maneira de gestão econômica (GECON), o qual altera a cultura empresarial na busca de resultados mais eficazes. Exigindo assim, um profissional contábil hábil de conhecimento no domínio das novas responsabilidades que lhe serão solicitadas.

## **Metodologia da Pesquisa**

Esta pesquisa é realizada através dos métodos de abordagem dedutivo e indutivo e configura-se com descritiva, visando uma compreensão das modificações do ambiente externo, através das transformações ocorridas sobre a cultura sócio-econômica e seus reflexos no ambiente empresarial, com impacto sobre o profissional contábil.

Adota-se uma metodologia de procedimento histórica e comparativa, através do uso de pesquisa bibliográfica com base em documentação secundária.

# 1 O CONHECIMENTO COMO PROCESSO PARA AVALIAÇÃO DO ATIVO INTANGÍVEL: CAPITAL INTELECTUAL

## 1.1 Fundamentação teórica básica sobre conhecimento

Conhecimentos são os fatos, as verdades ou os princípios, adquiridos a partir de estudos ou investigação, aprendizado prático de uma arte ou habilidade; soma do que já é conhecido com o que ainda pode ser aprendido. (BUENO, p. 157).

Ninguém inicia o ato de conhecer sem uma real estrutura, pois esse ato é simultâneo à transmissão pela educação dos conhecimentos acumulados em uma determinada cultura. O conhecimento é resultante da relação que se estabelece entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido.

Somente o ser humano é capaz de utilizar a informação, pois esta para ter valor, precisa ser transformada em conhecimento e quem possui esta capacidade fundamental são os seres racionais.

Considerando as formas de conhecer: *a intuição e o conhecimento racional*; tem-se que através da *intuição* o homem conhece pela razão, pois a *intuição* é uma forma de conhecimento imediato, por ser o ponto de partida para a possibilidade da invenção, da descoberta, do saber humano; *o conhecimento racional* é chamado de conhecimento mediato, pois se dá por meios de conceitos, é o pensamento que opera por etapas, por raciocínios que levam a determinada conclusão.

O verdadeiro conhecimento ocorre pela ligação continua entre a intuição e a razão, entre o vivido e o teorizado. O conhecimento, segundo Senge et al. (2004) apud Cassapo (2004): é a capacidade para ação efetiva.

A capacidade para ação efetiva constante do ser humano faz com que ocorram alterações no meio ao qual habita, que geram melhoria do padrão de vida da sociedade.

## 1.2 A evolução do conhecimento

Toda a transformação ocorrida no mundo não se deve a um fato simplista. É difícil afirmar que as mudanças ocorreram devido a um acontecimento único. Mas, há um conjunto de fatos que somados desencadeou mudanças significativas.

Na história da humanidade os artesãos trabalhavam de uma forma em que suas tarefas eram executadas baseada em suas habilidades pessoais, nesse momento histórico observa-se uma pequena existência da *technê*, palavra grega que significa tecnologia.

A *technê* era obtida através de aprendizado e experiência e, por sua vez, só podia ser absorvida por outra pessoa através de observação e só os artesãos mestres podiam repassar seu conhecimento para seus aprendizes. A *technê* não era falada, nem escrita, apenas observada. Os artesãos viviam em uma época em que o conhecimento estava aplicado ao ser, ou seja, o conhecimento estava vinculado diretamente à pessoa que o detinha e esta o passava para seu aprendiz, não se falava em habilidades, mas em mistérios em torno de alguma tarefa.

Um marco no nascimento da fase que sucede a artesanal foi o surgimento da máquina a vapor, que impulsionou a Revolução Industrial.

A Revolução Industrial trouxe o conhecimento aplicado ao fazer (as pessoas tinham que conhecer a maneira de lidar com as máquinas, saber fazer) a publicação da *Encyclopédie*<sup>1</sup> (o relato de todas as profissões artesanais), reforçou esta idéia e fez com que qualquer pessoa, mesmo que não fosse aprendiz pudesse entender e desenvolver uma profissão artesanal, esta publicação desvinculou a profissão “do ser” e a vinculou “ao fazer”, pois trazia a descrição, de forma organizada e sistemática, de todas as profissões. Foi a mudança na forma em que o conhecimento foi aplicado, que trouxe o divisor entre os períodos artesanal e o industrial, momento que se inicia a Revolução Industrial.

O conhecimento da Era Industrial exigiu a sua aplicação em fábricas, não em lugares pulverizados e espalhados pelas vilas, como era no período artesanal. Outro fator importante foi a demanda por capital (necessário para sustentar o novo empreendimento).

A insatisfação geral dos operários durante a fase industrial ocorreu devido à execução de seus trabalhos de forma rotineira e cansativa, quando surge um novo modelo de aplicação do conhecimento desenvolvido por Frederick Winslow Taylor: criou-se o vínculo do estudo ao trabalho. Taylor focou a visão nos processos, ferramentas e nos produtos, seu objetivo era transformar os eternos

---

<sup>1</sup> A *Encyclopédie* foi editada entre 1751 e 1772 por Denis Diderot (1713-1784) e Jean D'Alembert (1717-1783).

conflitos entre capitalistas e proletários em uma situação favorável aos dois lados. Através do estudo os trabalhadores poderiam produzir mais e ter salários condizentes e os proprietários das fábricas também teriam ganhos, pois haveria o aumento de seus lucros.

As mudanças no modo de aplicação do conhecimento geraram a Revolução da Produtividade e, é importante salientar que a aplicação do conhecimento ao estudo do trabalho elevou significativamente a produtividade. Com o aumento da produtividade o mundo chegou a um ponto em seu desenvolvimento que apenas a produtividade não bastava, não gerava mais riqueza, para Drucker (1997, p. 20), a Revolução da Produtividade foi vítima de seu próprio sucesso.

A produtividade das pessoas passa a ser enfocada do “conhecimento aplicado à produção” ao “conhecimento aplicado ao saber”, surge a Revolução Gerencial. A Revolução Gerencial foi um período de acontecimentos marcado pelo conhecimento que produz desenvolvimento na sociedade, na economia e no avanço do próprio conhecimento. É o único recurso que tem verdadeiro significado, os recursos antes considerados inseparáveis de uma sociedade capitalista e que vinham sempre em primeiro plano: terra, capital e trabalho, passaram para um plano secundário e deram lugar de destaque para o conhecimento do saber.

A Revolução Gerencial não se preocupava em apenas fazer bem feito, mas em ter uma fundamentação sobre o que se estava fazendo. Foi quando os gerentes surgem com força total, não apenas para monitorar seus subordinados, mas responsáveis por orientar e velar pelo desempenho dos chamados trabalhadores do conhecimento.

É interessante enfatizar a transformação que o conhecimento e sua aplicação sofreram durante os anos e que já eram vislumbrados de maneira correta e futurista por Sócrates:

O conhecimento era o auto conhecimento e o outro desenvolvimento; os resultados eram internos; ou seja, o conhecimento é a engrenagem que conduz as transformações no mundo e nas civilizações e este sempre trará mudanças, pois é um elemento que se auto transforma e modifica. (DRUCKER, 1997, p. 20).

Sócrates há mais de dois mil anos mostra o quanto o conhecimento é vital em uma sociedade; este conhecimento, aplicado ao ser, ao fazer e ao próprio

conhecimento nada mais é que o Capital Intelectual, recurso de grande valia que agrega cada vez mais valores à sociedade.

### **1.3 O capital intelectual à base de uma nova sociedade**

O capital intelectual tem sido alvo de diversos pensadores, mas todos são unânimes em afirmar que o conhecimento gera atividades humanas inteligentes e atribuem valor às empresas que o possuem.

A contabilidade não conseguiu desenvolver, ainda, um método objetivo de mensuração patrimonial sobre o capital intelectual. Mas, a sua inserção sobre o patrimônio como ativo intangível é perceptível pela reação do mercado financeiro.

Intangível, é derivado de tangível que em sua origem significa algo que não pode ser tocado, ou que tem ausência de substância física.<sup>2</sup>

O mesmo que ativo imaterial, encena valores que não encontram um correspondente corpóreo, como fundo de comércio ou aviamento, patentes de invenção, etc. pode ser chamado, também, ativo incorpóreo. (SÁ & SÁ 1995, p. 35).

Dentro dos intangíveis estão prestígios, marcas, patentes, localização, qualidade de produtos e serviços e a maior fonte de intangível da empresa, o capital humano, aquele que pode mudar totalmente a direção da empresa, agregando valor cada vez mais significativo.

Na concepção de Stewart (1998, p. 61), uma definição prática de Capital Intelectual:

A inteligência torna-se um ativo quando se cria uma ordem útil a partir da capacidade intelectual geral, ou seja, quando assume uma forma coerente (uma mala direta, um banco de dados, uma agenda para uma reunião, a descrição em um processo); quando capturada de uma forma que permita ser descrita, compartilhada e explorada, e quando pode ser aplicada a algo que não poderia ser realizado se continuasse fragmentado como moedas em um bueiro. O Capital Intelectual é o conhecimento útil em nova embalagem.

Muitos são os conceitos de capital intelectual, porém um tanto quanto vagos em relação à grandiosidade desta ferramenta.

Sabe-se que o ativo intangível, especialmente o capital intelectual, é de suma importância para agregação de valor à empresa, mas a maior indagação é

---

<sup>2</sup> O significado do termo intangível é definido de uma forma geral, por todos autores.

o percentual de importância de um ativo tangível e de um ativo intangível, em um patrimônio.

Segundo Cassapo (2004, p. 6), “ [...] deixar de gerenciar o Capital Intelectual é equivalente a deixar de gerenciar 80% da forma de agregação de valor”.

A comparação em grau de relevância entre os dois ativos é de difícil definição, pois são dependentes, ou seja, os ativos intangíveis “existem e possuem valor somente em combinação com os ativos tangíveis da empresa” (HENDRINKSEN & BRENDA, 1999, p. 390).

A base de todo capital intelectual é o conhecimento, desde que gerado sobre uma estrutura ética forte e consistente, que demande uma conduta virtuosa, ininterrupta, profissional e social.

## 2 ANÁLISE HISTÓRICA DA CONTABILIDADE

### 2.1 A história da contabilidade

A origem da contabilidade é tão remota, quanto o próprio surgimento da humanidade. Segundo Ludícibus (2000, p. 30): “Não é descabido afirmar-se que a noção de conta e, portanto, de Contabilidade seja talvez tão antiga quanto à origem do Homo Sapiens”.

Há relatos históricos de que os homens primitivos usavam a contabilidade para controlar seus alimentos; cada povo registrava o que achava importante, e queria identificar para seu controle diário.

Provas arqueológicas denunciam registros em grutas, ossos e outros materiais, contendo manifestações da inteligência humana na percepção de meios patrimoniais, qualitativa e quantitativamente, ou seja, constituindo a conta primitiva “. (SÁ, 2000, p. 9).

As provas mais antigas que existem acerca do surgimento da Contabilidade ocorrem entre 1.000 a 5.000 anos antes de Cristo, precisamente no período mesolítico.<sup>3</sup>

Nota-se a preocupação do homem primitivo com a variação do patrimônio que possuía e, fazia o controle de sua riqueza patrimonial com o uso das inscrições nas paredes de grutas, produzindo figuras onde qualificavam o objeto e o quantificavam fazendo riscos, dessa forma conseguiam controlar seu patrimônio.

A história prossegue mostrando que a contabilidade foi fruto de muitas mãos e muitas terras, pois mesmo antes que a Europa emergisse em seu comércio promissor, economias sofisticadas já existiam no Oriente Médio e no Extremo-Oriente. Há várias passagens que demarcam essa história: a dinastia Shang, na China, remonta 1.600 a. C.; a cultura sofisticada da Índia de 2.300 a. C.; as grandes pirâmides do Egito, a primeira das quais foi construída 4 mil anos atrás; o conhecimento dessas civilizações atingiu seu ápice na Grécia clássica e, em todos os períodos pode-se encontrar registros contábeis.

---

<sup>3</sup> Período de transição entre o Paleolítico e o Neolítico, que compreende de aproximadamente 10.000 a 8.000 anos antes de Cristo, é marcado principalmente pelo fim das eras glaciais e adequação da temperatura da terra à prática da agricultura, o que facilitou assentamentos humanos.

A contabilidade floresceu em solo fertilizado por séculos de aprendizagem e comércio com o Oriente, invenções como a vela latina, a imprensa e um novo sistema de números, mas o seu grande salto ocorre com a publicação do Frei Lucca Pacioli, em 1494, sobre seu trabalho que descrevia os métodos das partidas dobradas.<sup>4</sup>

É interessante resgatar um pouco da história, antes da publicação de Pacioli (1494) apud Hendriksen & Breda (1999) onde mostra que a necessidade forçou o homem a criar e transformar a cultura do mundo: a expansão do comércio através das viagens trouxe consigo um efeito colateral trágico – o aumento das doenças e a facilidade que podiam viajar o mundo – os marinheiros que retornavam a Marselha de Caffa no Mar Negro, em 1347 trouxeram consigo uma infecção bacteriológica conhecida como *pasteurella pestis*, ou peste bubônica, uma epidemia que afligiu toda Europa e ficou conhecida como a Peste Negra e, antes que fosse disseminada matou um terço da população da Europa. O que era um desastre de proporções devastadoras para alguns foi momento de grande oportunidades para outros, pois um dos efeitos secundários da peste foi o substancial aumento do custo de produção de manuscritos por força da morte de tantos indivíduos literatos. E, a necessidade, novamente, impulsionou a invenção e no início do século XV, Johannes Gensfleisch, mais conhecido por seu nome materno, Gutemberg, revolucionou o mundo com a invenção móvel da escrita e, em 1457, o primeiro livro, um livro de Salmos, foi publicado em Mainz pelo ex-sócio de Gutemberg, Johann Fust. Trinta e sete anos mais tarde, o primeiro livro de contabilidade foi publicado. Veneza havia-se transformado no centro mundial da imprensa.

O surgimento das partidas dobradas foi à solução que Pacioli encontrou para superar uma necessidade “a falta de números negativos”. Na época os inventores de contabilidade dispunham de conceitos tais como moeda, capital próprio e despesas, não dispunham de números negativos. Havia uma noção de números negativos, mas, em 1544, os matemáticos, ainda, os consideravam fictícios e absurdos.

---

<sup>4</sup> Baseia-se no princípio de que a todo crédito sempre corresponde a um débito de igual valor e vice-versa.

As contas em T foram desenvolvidas, portanto, para indicar aumentos de um lado e reduções de outros. O saldo era obtido por uma técnica de “subtração por oposição”, ou, como dizia Paccioli, verificando-se “se o crédito foi superado por seu débito”. (PACIOLI, 1494 apud HENDRIKSEN & BREDA, 1999).

O sistema italiano de partidas dobradas espalhou-se pelo mundo devido o descobrimento do Novo Mundo e a abertura de novas rotas de comércio, houve o deslocamento dos centros comerciais para a Espanha e Portugal, e posteriormente para Antuérpia e aos Países Baixos. Quase nenhuma alteração foi feita ao sistema de escrituração, pois os autores estavam preocupados com a apresentação do mecanismo de escrituração desenvolvido nos negócios.

O período de 1494 a 1800 foi considerado de estagnação para a contabilidade pelo historiador Raymond de Roover, mas é uma avaliação injusta, pois esse período iniciou como a era do descobrimento e terminou como uma era de revolução - o mundo transformou-se e conseqüentemente a contabilidade sentiu os impactos dessa transformação.

A contabilidade é um a ciência desenvolvida sob uma base multicultural, é um produto do mundo inteiro, a sua história acompanha a da humanidade e não há como desvincular.

A história da humanidade é a história do mundo e, o homem é um ser-no-mundo. Na concepção de Rios (1993, p. 31):

[...] o mundo existe para o homem na medida do conhecimento que o homem tem dele e da ação que exerce sobre ele. [...] Ele se apresenta aos homens numa dupla dimensão. A primeira dela é a que chamamos natureza. É o mundo que independe do homem para existir, do qual os próprios homens fazem parte em seus aspectos biológicos, fisiológicos. E existe um outro aspecto que é, sem dúvida, o mais significativo, que é o que chamamos de cultura – mundo transformado pelo homem. A primeira coisa que leva os homens a fazerem cultura é a necessidade.

A invenção das necessidades ocorre, justamente, porque o homem é um ser de desejos – “aventura estranhíssima do homem não se conformar com o mundo que está aí e querer criar um mundo diferente”. (DI GIORGI, 1990, p. 130). Tem-se a necessidade de comer e o desejo de comer determinados alimentos.

Vázquez (1975, p. 141-142) afirma que “o homem não é apenas um ser de necessidades, mas sim o ser que inventa ou cria suas próprias necessidades”.

O homem em estágio primitivo sentiu necessidade de controlar sua riqueza e inventou o desenho (qualificou) e não satisfeito riscou (quantificou), a sua

riqueza cresceu e criaram-se novas técnicas de registros e continua criando e aperfeiçoando as formas de controlar sua riqueza, pois seus desejos sempre irão existir e as suas necessidades tornam-se ilimitadas. A Contabilidade é o instrumento que satisfaz suas necessidades quanto aos desejos de informações sobre o seu patrimônio (bens e direitos).

Hendriksen e Van Breda (1999, p. 40-41) apresentam algumas mudanças da contabilidade que permitem estabelecer contrastes interessantes entre as práticas das cidades italianas e os métodos e teorias atuais:

1. Durante o período que se estende até o século XVI, o principal objetivo da contabilidade era produzir informação para o proprietário – geralmente proprietário único. Em consequência, as contas eram mantidas em sigilo e não havia pressão externa, como hoje, no sentido de exatidão ou da adoção de padrões uniformes de divulgação.
2. Em parte, em decorrência da primeira observação, geralmente não era feita distinção clara entre os negócios pessoais e empresariais de um proprietário, ou seja, o conceito atual de entidade não havia sido desenvolvido. Houve exceções, porém, e não era raro encontrar um comerciante com um conjunto de contas para sua casa e outro para seu negócio.
3. Os conceitos de exercício contábil e empresa em funcionamento inexistiam. Muitos empreendimentos eram de curta duração, ou continuavam apenas após a realização de algum objetivo empresarial específico. Em consequência, o lucro só era calculado quando da conclusão do empreendimento. Sem o conceito de lucro periódico, não havia a necessidade de lançamento de receitas e despesas a realizar ou diferidas. Como os ativos imobilizados desempenhavam papel muito pequeno nos negócios, não era necessário calcular depreciação. Mesmo para os empreendimentos que eram organizados por períodos mais longos, tampouco havia necessidade de cálculo periódico de lucros, porque os proprietários estavam em contato direto com os negócios.

Muitas mudanças ocorreram no sistema de informação contábil desde as práticas das cidades italianas até o mundo do século XXI, mas esse trabalho pretende estudar a adaptação (mudança) do sistema de informação contábil com relação à competitividade, sob o enfoque da cadeia de “accountability” na estrutura organizacional, usando o GECON como modelo de análise.

Na busca de suas necessidades o homem transforma o mundo e afeta a cultura das sociedades e conseqüentemente faz-se história.

### **3 ACCOUNTABILITY: DELEGAÇÃO DE PODER E RESPONSABILIDADE DO PROFISSIONAL CONTÁBIL NA COMPETITIVIDADE DAS EMPRESAS**

#### **3.1 A competitividade através do conhecimento**

É inerente ao ser humano o desejo às novas conquistas. Estas podem ser materiais, econômicas, emotivas, enfim, o homem é um ser repleto de necessidades a cada passo que caminha. São os desejos do ser humano que vão além das necessidades fisiológicas, ocasionando mudanças no mundo, conseqüentemente, fazendo história.

A humanidade é movida pela emoção da conquista de seus desejos, de vontades que os impulsionam no sentido do conhecimento. Sendo o conhecimento a maior ferramenta para transformação do mundo e do homem que nele vive, possuindo o homem a capacidade de usar este instrumento.

A junção da necessidade com a força do conhecimento é a responsável pela história da humanidade. Todos os fatos marcantes ocorridos nas civilizações foram desencadeados por novas necessidades seguidas de desejos, onde o homem usa seu conhecimento para alcançar o que almeja.

Nota-se, porém, que a busca pelas necessidades é ininterrupta, ou seja, é uma constante nas civilizações. E esta se torna mais aguda em nosso tempo, marcado por um capitalismo dominante. As necessidades passam a ser consideradas o caminho para a felicidade. Para saciar uma população cada vez mais “necessitada”, as empresas moldam-se para satisfazer os desejo constantes. Dentro desta cadeia consumista surge diversas empresa, com o mesmo objetivo, a busca incessante pelo lucro.

Estes fatores geram a competitividade, aonde as empresas se vêm obrigadas a qualificar-se constantemente, competindo não apenas pela necessidade, mas pelo desejo de busca de resultados, proporcionando maiores opções para a população e a evolução da humanidade.

As empresas com o objetivo de atender a necessidade e os desejos da população passam a concorrer entre si, em uma disputa conhecida como competitividade, entendida como:

O conceito de competitividade é passível de ser aplicado a países, setores, empresas ou até mesmo a produtos [...] são nações e empresas os agentes capazes de criar condições para o aumento de competitividade.

A elevação do nível de competitividade de uma nação deve ter por objetivo primordial a melhoria do padrão de vida de sua população. Resulta, em grande parte, da competitividade das empresas que operam em seu território, que, por sua vez, necessitam de um ambiente econômico, político e social favorável ao desenvolvimento e à manutenção de sua capacidade competitiva. (NAKAGAWA, 1993, p. 11).

Em sentido amplo, competitividade é a capacidade que a empresa possui de desenvolver e sustentar vantagem competitiva que lhe permita enfrentar de igual a concorrência. (BNDES, 1991, p. 6-10).

Pode-se observar, que a competitividade é desenvolvida pela organização que se propuser a trabalhar e se posicionar de forma positiva dentro do mercado mostrando ao cliente que tem melhores bases de recursos do que a concorrência.

As bases de recursos são formadas por uma estrutura previamente definida de bens e direitos tangíveis e intangíveis, observando que o valor intangível assume a liderança na história de sucesso das empresas.

Se você der uma espiada nos bastidores da história de sucesso de uma empresa, vai encontrar uma vantagem invisível – uma vantagem que os concorrentes não conseguem copiar com facilidade.

Pessoas, idéias, know-how, relacionamentos, sistemas, processos de trabalho – tudo visa ao desempenho econômico. Não aparecem na folha de balanço nem na demonstração de lucros e perdas, mas são os recursos manejáveis da criação do valor corporativo. São a fonte da vantagem invisível. (LOW & KALAFUT, 2004, p. 1).

A competitividade só é alcançada quando a empresa consegue compatibilizar todos os recursos na busca de seus objetivos. Dentro destes recursos, tem-se como cerne o patrimônio da entidade que serve de referencial às tomadas de decisões. O profissional contábil torna-se imprescindível dentro deste cenário, pois possui os conhecimentos e a habilidade de suprir a empresa com dados e informações úteis à tomada de decisões que leva à ação, na busca da competitividade.

### **3.2 O conceito de accountability**

A tomada de decisão eficaz é o elo mais forte da resposta que um profissional emite a uma entidade. A delegação de poder que tem como

contrapartida à responsabilidade de quem o possui, forma o que se conhece como *Accountability*, que pode ser vista como o pilar da base de recursos necessária para a concorrência. Para Nakagawa (1993, p. 17): “É a obrigação de se prestar contas dos resultados obtidos em função das responsabilidades que decorrem da delegação de poder”.

A responsabilidade está intimamente ligada com o poder, e esta só extingue quando há prestação de contas dos resultados obtidos, surgindo outras responsabilidades e outras obrigações, formando uma cadeia.

O *Accountability* pode distinguir a Contabilidade de outros sistemas de informação, pois esta conforme Yuji et al. (1975) apud Nakagawa (1993), tem como base à delegação de poder alinhado com a responsabilidade que esta traz. A contabilidade proporciona ao profissional contábil a execução de sua atividade e o *feed back* dos resultados. Poder, responsabilidade e resultados na profissão contábil estão intimamente ligados.

A contabilidade tem papel crucial nas organizações, pois é:

O método de identificar, mensurar e comunicar a informação econômica, a fim de permitir decisões e julgamentos adequados por parte dos usuários da informação. (IUDÍCIBUS, 1980, p. 24).

Este profissional deve ter competência para gerir os dados da Contabilidade Financeira e transformá-los em informações na Contabilidade Gerencial, surgindo assim um profissional passível de transformação em busca de resultados para a empresa, usando e criando métodos para otimização dos resultados, com melhoria de produtividade e eficiência operacional.

A competitividade só será alcançada por uma empresa a partir do momento que ela possua diferencial para assumir a concorrência.

A tomada de decisão é embasada em uma estrutura definida por informações sólidas de um patrimônio, construídas por profissional contábil, que saiba receber o poder de identificar, mensurar e comunicar as informações de acordo com as necessidades de seus usuários, é ferramenta imprescindível à competitividade.

A contabilidade precisa ser vista como fonte de informação, pois através das informações geradas pela mesma, pode-se mudar o contexto social, econômico e conseqüentemente, o cultural.

Ao mudar-se as culturas, alteram-se os modelos de gestão, decisão, informação e de mensuração.

## **4 GECON: INSTRUMENTO CONTÁBIL DE COMPETITIVIDADE EMPRESARIAL**

A competitividade existente entre as empresas mostrou-se veloz na segunda metade do século XX, deixando de ser restrita a um ambiente local e passando para um cenário mundial, fazendo com que as organizações que desejam continuar inseridas nesse contexto passem por transformações contínuas, atendendo às necessidades e desejos da população.

Nota-se que com o avanço da globalização, da supremacia do conhecimento como principal vetor das empresas, a contabilidade ortodoxa<sup>5</sup> mostrou-se demasiadamente insuficiente para atender a necessidade de informação exigida pelo mercado para um melhor gerenciamento e competitividade. Surge assim, um estudo sobre um novo modelo de gestão, que supra esta deficiência de informação.

A complexidade e mutabilidade a que estão sujeitas as empresas levantam novas demandas ao sistema de informação gerencial por instrumentos capazes de superar os limites da contabilidade tradicional, captar antecipadamente em tempo real, os sinais, inclusive de mudanças, e de imprimir toda a flexibilidade e dinamismo ao processo gerencial, integrando na realidade contábil os parâmetros da economia hiper-competitiva. (CATELLI, 2002, p. 56).

O acirramento da competitividade, a elevação dos padrões de qualidade do mercado, faz com que as entidades careçam de modelos de apoio ao processo decisório mais eficaz para alcançar sua missão.

Diante desta realidade os gestores precisam se apoiar em novas metodologias de ação, envolvendo processos administrativos mais participativos, organização de equipes voltadas para resultados objetivos e específicos, sensores diversos para auxiliar na absorção de novas premissas dadas pelo ambiente onde está inserida a empresa.

Conforme Nakagawa (1995, p. 39): “gestão é a atividade de se conduzir uma empresa ao atingimento do resultado desejado (eficácia) por ela, apesar das dificuldades”.

---

<sup>5</sup> Contabilidade tradicional, na forma em que é exigida legalmente.

Uma das principais armas existentes para auxiliar os gestores em seu processo de tomada de decisões é um modelo de gestão, o qual permita uma visão ampla e irrestrita do sistema patrimonial.

O modelo de gestão que visa buscar maiores resultados através da eficiência produtiva e operacional denomina-se GECON (Gestão Econômica), estudado e desenvolvido pelo Professor Doutor Armando Catelli.

Definido por Catelli (1999, p. 31):

Administração por resultado. Objetiva a otimização dos resultados por meio da melhoria da produtividade e de eficiência operacional. É inteiramente voltado para a eficácia empresarial, cuja concretização se verifica pela otimização do resultado econômico.

O GECON possui o poder de avaliar a gestão e a transformação de recursos, identificando custos e receitas, e distribuindo assim os ativos intangíveis ao resultado da empresa; contorna a questão de instabilidade da moeda, adotando os valores a valor de mercado; há uma grande riqueza conceitual, pois agrega conceitos de sistema, gestão, informação, decisão e mensuração.

A maior característica do GECON é que se trata de um modelo que agrega valores contábeis, econômicos e administrativos, pode-se caracterizá-lo como multidisciplinar, dessa forma abrange um leque de questões que antes eram abordadas por uma área e a outra era delegada ao segundo plano.

O GECON proporciona a interação da Administração, da Contabilidade e da Economia, através do uso dos vetores do conhecimento e da tomada de decisão para melhores resultados.

O vetor econômico mostra a transformação de recursos em produtos na empresa. O vetor administrativo estabelece modelos de gestão e decisão e o vetor contábil fixa o modelo de informação.

#### **4.1 A estruturação do GECON**

O GECON é composto de modelos que tratam de gestão, decisão, informação e mensuração, que juntos mostram a grandiosidade deste sistema.

Modelos, na realidade são:

As imagens intelectuais sobre as quais se desenvolve o conhecimento obtido de um trabalho explícito ou não, de seleção dos elementos relevantes da porção da realidade em análise. Um modelo pode ser caracterizado como um artifício para expressar a teoria de forma clara e

conveniente. É uma simplificação deliberada para facilitar a compreensão de estruturas e relações complexas, através da segregação dos aspectos fundamentais relativos ao problema em foco. (GUERREIRO, 1989 apud CATELLI, 1999).

O Modelo de Gestão tem como ferramentas, ou princípios fundamentais, a missão, a crença, os valores dos colaboradores, dos gestores e de seus sócios proprietários. Para moldar este modelo, é necessário que a empresa possua Modelo de Decisão, Informação e Mensuração, formado assim um bom e eficaz Modelo de Gestão. Desta forma atinge os objetivos propostos pelo GECON, sendo essencial à obtenção de informações gerenciais, limitando assim até onde se deve chegar.

Qualquer tipo de decisão vem acompanhado de determinada consequência, portanto, em uma empresa o Modelo de Decisão possui grande importância por envolver expectativas futuras.

As decisões nas empresas seguem dois caminhos que se complementam. No primeiro estágio, os gestores tomam suas decisões baseadas nas alternativas e consequências que possuem em mente; em um segundo estágio, é analisado o problema, as variáveis e as relações para a tomada de decisões.

O Modelo de Informação trabalha um sistema de informação eficaz para a empresa, que atenda todas as suas carências de informação para uma boa tomada de decisão. O GECON conforme Catelli (2001, p. 298), propõe que um sistema de informação permita que estas venham em tempo hábil e possam ser distribuídas aos gestores e acessadas diretamente por eles.

Os sistemas de informação na visão do GECON devem trazer informações globais da empresa, confiável e em tempo hábil para a tomada de decisão.

Modelo de Mensuração é o último modelo que compõe a estrutura do GECON, que é o processo de avaliar, estimar ou atribuir valor a um determinado evento.

O planejamento para melhores resultados deve ter um bom Modelo de Mensuração, pois no ambiente de competitividade em que se vive, todos os cálculos devem ser precisos para evitar qualquer tipo de dúvida.

A utilização do GECON leva ao planejamento e obtenção de resultados, oferecendo condições para que a empresa tenha elementos para planejar a atuação de cada área. Esta integração torna-se de grande importância na tomada de decisões estratégicas, criando possibilidade de melhores resultados.

Ao interagir entre si e com o ambiente na transformação de recursos em produtos, os elementos do sistema empresa formam subsistemas nos quais as pessoas, suas características e comportamentos (subsistema social), imbuídas da missão, crença e valores da organização (subsistema institucional), e desempenhando cargos com autoridade e responsabilidade definidas (subsistema formal) interagem tomando decisões (subsistema de gestão) que envolvem recursos (subsistema físico), com base em informações (subsistema de informação). (GUERREIRO, 1989, p. 54).

Na Gestão Econômica, a consecução dos objetivos da empresa, que constitui a sua eficácia, se realiza pelo resultado econômico de cada transação. O resultado global da empresa se compõe portanto, dos resultados obtidos pelas decisões dos diversos gestores que, nas suas transações, obtiveram a agregação de valor, escolhendo as alternativas que conduzam ao melhor resultado para a empresa como um todo.

## 5 CONCLUSÃO

Num ambiente de mudança competitiva, há necessidade de competências cada vez mais apuradas do profissional contábil para seu sucesso e, conseqüentemente, da empresa.

Em uma análise histórica da humanidade e da contabilidade que evolui com esta, denota-se que o conhecimento é conseqüência da busca pela satisfação de necessidades.

O mercado exige hoje, mais do que nunca, um profissional contábil hábil em tomada de decisão eficaz, que responda ao poder que lhe é delegado de forma eficiente – denominado profissional “accountability”.

O profissional accountability utiliza-se da informação e a transforma em decisão que otimiza o resultado empresarial.

Para alcançar a informação necessária na tomada de decisão, o profissional accountability utiliza ferramentas que o auxiliem. O conhecimento é ferramenta básica do ser humano e deve estar integrada com um modelo de gestão que permita a avaliação precisa e contínua do impacto das decisões sobre a competitividade organizacional.

Entre diversas ferramentas existentes no mercado atual, este trabalho abordou o GECON (Gestão Econômica) que numa visão sistêmica, conceitua a missão da empresa integrada em suas características e valores, interagindo com as demais áreas e subsistemas, na busca dos objetivos globais da organização, transmitindo informações da empresa como um todo, em tempo hábil para tomada de decisão. A interação entre o profissional accountability e um eficiente sistema de gestão, proporciona o equilíbrio entre a criatividade do gestor e a maximização dos resultados.

A arte de gerir do profissional contábil em um sistema, onde o processo de competitividade é constante, deverá estar sempre capitaneada pelo conhecimento, pois há necessidade de se buscar novas idéias, instrumentos que satisfaça e, tem-se novos conhecimentos, formando um círculo vicioso.

Na busca de suas necessidades o homem transforma o mundo e afeta a cultura da sociedade, conseqüentemente faz-se história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. C. **Princípios fundamentais de contabilidade e normas brasileiras de contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2000.

ANTUNES, M. T. P. **Capital intelectual**. São Paulo: Atlas, 2000.

ARANHA, M. L. de A; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 3. ed., rev. São Paulo: Moderna, 2003.

ARRUDA, J. J. de A. **A revolução industrial**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

ATKINSON, A. A. et al. **Contabilidade gerencial**. São Paulo: Atlas, 2000.

BAER, W. A **economia brasileira**. São Paulo: Nobel, 1996.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Competitividade: conceituação e fatores determinantes. p. 6-10, mar. 1991. In: NAKAGAWA, M. **Custos para competitividade**, São Paulo: Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo, 1993.

BUENO, F. S. (Ed). **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 1994.

CARVALHO, G. de A. S. **A nova empresa na era da concorrência e da gestão do conhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

CASSAPO, F. Gestão do conhecimento. Entrevistadora Rita de Souza. **I-Coletiva**. Disponível em : <<http://www.icoletiva.com.br/secao.asp?tipo=entrevista>>. Acesso em 13 fev. 2004.

CATELLI, A. (Coord.). **Controladoria**: uma abordagem da gestão econômica - GECON. São Paulo: Atlas, 1999.

CATELLI, A. et al. Decisões contábeis por oportunidade e custos par competitividade. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CONTABILIDADE, 14. 2002, Los Angeles, **Anais...** Los Angeles, 2002. p. 5-6.

CONSELHO REGIONAL DE CONTABILIDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO.  
**Normas da profissão contábil**. 25. ed. São Paulo: CRC, 1998.

CORNACHIONE JÚNIOR, E. B. **Sistemas integrados de gestão**: uma abordagem da tecnologia da informação aplicada à gestão econômica (Gecon): arquitetura, método, implantação. São Paulo: Atlas, 2001.

DAVENPORT, T. H; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial**. Rio de Janeiro: Publifolha, 1999.

DAVENPORT, T. O. **Capital humano**: o que é e por que as pessoas investem nele. São Paulo: Nobel, 2001.

DI GIORGI, F. **Os caminhos do desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DRUCKER, P. **Sociedade pós capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1997.

EDVINSSON, L.; MALONE, M. **Capital intelectual**. São Paulo: Makron Books, 1998.

GUERREIRO, R. **Modelo conceitual de sistema de informação de gestão econômica**: uma contribuição à teoria da comunicação da contabilidade. 1989. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Economia e Administração /USP, São Paulo, 1989.

HENDRIKSEN, E. S.; BRENDA, M. F. V. **Teoria da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1999.

IUDÍCIBUS, S. de. **Contabilidade gerencial**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Teoria da contabilidade**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

KLEIN, D. A. **A gestão estratégica do capital intelectual**: recursos para a economia baseada em conhecimento. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

LASTRES, H.M.M.; ISARITA, A. **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

LOPES, J. F. **Capital intelectual**: contribuições à sua mensuração e classificação contábil. Itapetininga: Associação de Ensino de Itapetininga, 2001.

LOW, J; KALAFUT, P.C. **Gerenciando Intangíveis**: investida em intangíveis. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[mcps@unitoledo.br](mailto:mcps@unitoledo.br)> em 01 jul. 2004.

MARION, J. C. **Contabilidade empresarial**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARONI NETO, R. Algumas considerações sobre os aspectos conceituais dos modelos EVA, GECON e BSC. **Revista Brasileira de Contabilidade**. Brasília, ano 33, n. 147, p. 49-63, maio/jun. 2004.

MARTINS, E. **Contabilidade de custos**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MAYO, A. **O valor humano da empresa**: valorização das pessoas como ativos. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

MCGEE, J. V. **Gerenciamento estratégico da informação**: aumente a competitividade e a eficiência de sua empresa utilizando a informação como uma ferramenta estratégica. 8. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

NAKAGAWA, M. **Custos para a competitividade**. São Paulo: Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. **Introdução a controladoria**: conceitos, sistemas, implementação. São Paulo: Atlas, 1995.

PETERS, W. S; SUMMERS, G. W. **Análise estatística e processo decisório**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973.  
RIOS, Terezinha Azeredo. **Ética e competência**. São Paulo: Cortez, 1993.

RODRIGUES, J. N. **Há o risco de uma guerra por talentos**. Disponível em <<http://www.janelaweb.com/manageme/edvinsson2.html>>. Acesso em 13 fev. 2004.

SÁ, A. L. **Fundamentos da contabilidade geral**. Belo Horizonte: Una, 2000.

SÁ, A. L. de; SÁ, A. M. L.de. **Dicionário de contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1995.

SLOMSKI, V. **Manual de contabilidade pública**: um enfoque na contabilidade municipal de acordo com a lei de responsabilidade fiscal. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

STEWART, T. A. **Capital intelectual**: a nova vantagem competitiva das empresas. 11. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

TRACY, D. **10 passos para o empowerment**: um guia para a gestão de pessoas. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

VÁSQUEZ, A.S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

WALTER, M. A. **Introdução à contabilidade**: uma metodologia moderna para ensino da contabilidade. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1982. v.1